

Cristóvão de Lisboa: olhar científico e registro de imagens na produção de conhecimentos sobre a natureza do Maranhão e Grão-Pará (1624-1635)

João Otavio Malheiros¹

Resumo: O foco principal do estudo é o trabalho *História dos animais e árvores do Maranhão*, atribuído ao frei capucho Cristóvão de Lisboa e realizado *in situ* na primeira metade do século XVII no território do Estado do Maranhão, criado pela coroa espanhola em 1621. Em contraste com outras obras importantes do mesmo período e no mesmo espaço, como as de Abbeville e de Evreux, e mesmo com a *História do Brasil*, do também capucho frei Vicente do Salvador, feita a partir do Estado do Brasil, o trabalho de Cristóvão de Lisboa que chegou até nós é a primeira coleção de imagens de espécies singulares de animais e plantas da nova Conquista, e se inseria num projeto mais amplo, de elaboração de uma *História Natural e Moral* em quatro volumes, que o autor pretendia publicar em livro impresso, com o uso da tecnologia de estampa em cobre que possibilita a reprodução de imagens. Esta mudança no olhar sobre a natureza, das narrativas textuais fantasiosas para a produção de imagens detalhadas, acompanha o movimento de racionalização crescente, que antecede o triunfo dos novos paradigmas científicos da modernidade estabelecidos na segunda metade do XVII.

1 Introdução

A empresa colonial foi obra de múltiplos atores, construída muitas vezes por protagonistas portadores de múltiplas *personas*². O militar, o burocrata, o padre, o negociante, o juiz – e não raro, o carrasco – muitas vezes eram papéis representados pela mesma pessoa. Um desses atores “multi-tarefas” é o intelectual clerical. Cabe a este tipo especial de *letrado*³, preparado para sistematizar as informações e colocá-las devidamente ordenadas em *circulação* (pelo menos, na intenção comum a todos os projetos), uma contribuição recorrente tanto na empresa colonial francesa, quanto na estratégia de fixação do corpus luso maranhense.

São característicos deste papel estratégico pelo menos quatro “produtos” elaborados no período final do primeiro quartel do século VII e no quartel subsequente, conhecidos e divulgados em diferentes tempos e contextos diversos, mas que hoje podem ser estudados em suas conexões amplas e restritas. As primeiras são as de seu tempo e das instituições que

¹ Aluno do 8º período do curso de bacharelado em História, do Departamento de Histórica, do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão. Bolsista do Programa de Iniciação Científica-PIBIC, da Fundação de Pesquisa do Estado do Maranhão-Fapema. Integrante do Grupo de Pesquisa Família e Poder, coordenado pela profª. Drª. Antonia da Silva Mota.

² Uma *persona* histórica seria tanto a personalidade auto-atribuída pelos indivíduos em seu próprio tempo, quanto aquela que etimologicamente a historiografia fixa *a posteriori* como a “máscara” de determinado protagonista. Ver in HOUAISS; VILLAR (2004: 2196).

³ No sentido que, de novo, aparece in HOUAISS; VILLAR (2004: 1747), o de “marcado com letras”, isto é, diferenciado socialmente.

fazem os autores falarem de um lugar (CERTEAU, 2008: 66)), as conexões em rede de produção de conhecimento da *persona* principal desta investigação, são extensão do lugar de onde falam.

Apesar da extrema importância das narrativas de Claude d'Abbeville, Yves d'Evreux e Vicente do Salvador⁴, *capucins* e *capucho* – ramos distintos da grande árvore franciscana, os limites do presente estudo circunscrevem-se ao trabalho de Cristóvão de Lisboa, capucho de alto quilate, que – em meio às obrigações de Visitador, Qualificador e Custódio – desenha bichos e plantas pelas “muitas distâncias e caminhos nenhuns” da terra em que missionava. O recorte temporal, aqui, será o do tempo em que teria permanecido no Maranhão e no Grão-Pará, concordando com a datação que faz Jaime Walter, in LISBOA (1967: 14)⁵.

O trabalho que estudamos é o códice *Historia dos animaes, e arvores do / Maranhão / Pelo muito Reverendo Padre Fr. Chis- / tovão de Lisboa Calificador do Santo / Officio, e fundador da Custodia do / Maranhão da Recolecção de / Santo Antonio de / Lisboa. Anno ...* (sem data estampada), que está no Arquivo Histórico Ultramarino, e que tem sua primeira impressão em livro, uma edição facsimilar do manuscrito, com textos de apresentação e de análise crítica, realizada somente em 1967.

2 Conexões amplas e difusas

As conexões que busco evidenciar, mesmo amplas e difusas, são – primeiro - as das condições de sua ‘formação’ na conjuntura de seu tempo; ou seja, aquelas que hoje entendemos que podem ter determinado a sua maneira de fazer o conhecimento intelectual acontecer tal como se deu na obra que estudo, de maneira direta ou indireta. Algumas destas conexões – com práticas, lugares, pessoas *et coetera*, se mostram com alto grau de certeza, outras somente podem ser notadas por meio de inferências aproximativas, exploratórias.

Uma delas foi com lugares que sua condição de terceiro filho não obrigava; e foi surpreendente quando Christóvão Severim, em 1602 “se foi meter Capucho no Conuento de Santo Antonio de Portalegre da Provincia da piedade [...] muito mancebo. E de condição pouco branda” (LISBOA, 1967: 11). A surpresa vinha do fato de que ao tornar-se conventual,

⁴⁴ Para estes, ver edições contemporâneas (XXI e XX): ABBEVILLE (2002), EVREUX (2002); SALVADOR (1954).

⁵ A data de sua chegada a São Luís, no Maranhão, é estabelecida com certeza: 16 de agosto de 1624; o seu regresso é inferido por Jaime Walter, como tendo ocorrido em 1635, no Estudo que publica in LISBOA (1967)

abriu mão de uma carreira já traçada, pois desde os nove anos fora mandado pelo pai, com o irmão e segundo filho Manoel Severim, para Évora, onde aos cuidados do tio Baltazar de Faria, chantre da Sé de Évora, uma “rendoza dignidade”, se dedica a aprender as letras, o exemplo e a doutrina, e frequenta a “Vniversidade que há naquella Cidade. E chegou com perfeição a Phelosophia [...] que ensina a desprezar as maiores Esperanças da vida pella Çertezas da Eterna” (LISBOA, 1967: 10). Estava sendo preparado pelo tio para sucedê-lo no cargo de chantre, ainda a segunda em importância na administração dos bens da diocese (VILAR, 1999: 146).

Estabelece aí uma nova conexão direta e voluntária, com a missão na nova Conquista do Maranhão⁶, uma encomenda de Felipe II, em Portugal, e III de Espanha, aos religiosos da Província de Santo Antonio, onde deveriam “Irem derramar nella a Semente do Sagrado Evangello dando a conhecer o nome de Deus aquelles bárbaros em que apenas se deixa uer que há Vso de Rezão” (LISBOA, 1967: 11).

A missão principia em 1624. Em março sai de Lisboa em barco cujo capitão é Manoel de Souza de Eça; no outro navio vem Francisco Coelho de Carvalho, nomeado governador, mas cuja prioridade era reforçar em primeiro lugar a praça de Recife-Olinda (onde chegam no dia 2 de maio), ameaçada pelo holandês, que já atacara a cidade da Bahia. Estamos, então, já nos tempos da guerra entre as Províncias Unidas e a monarquia Habsburgo. Lá o primeiro governador do novo Estado colonial português na América, demora-se (só será empossado em 1626), porém o missionário prossegue avante, partindo em julho, num barco da terra, para São Luís, onde chega, nomeado Custódio⁷ e com os poderes da Inquisição, no dia 16 de agosto, depois de uma parada de 15 dias no Ceará.

Outras conexões amplas poderiam ser encontradas no contexto intelectual da época, mas são mais difíceis de serem constatadas. Por exemplo: teria o frei capucho lido, em sua preparação para a travessia do mar Oceano, as obras de antecessores sobre o novo espaço aonde missionaria, especialmente a de Claude d’Abbeville, franciscano da empresa concorrente francesa que cá estivera cerca de uma década antes e, das quatro obras listadas *ut*

⁶ “Contigua ao grande Estado do Brazil” (LISBOA, 1967: 11).

⁷ O custódio é o maior posto hierárquico de uma Província em implantação, e – depois dela implantada – o primeiro substituto do Provincial.

supra a única que circulou amplamente à época? Não há referência direta às leituras preliminares na documentação compulsada.

E, na falta de estudos comparativos, ao que nos referiremos ao concluir, ainda não foi estabelecida esta possível e provável conexão. Também é possível que tenha lido Simão Estácio da Silveira⁸, que tem seu texto publicado no ano da chegada do capucho, se não antes do início da viagem, durante sua longa permanência.

3 O produto “Historia dos animaes e arvores do Maranhão”

As razões que levaram o capucho a compor o manuscrito que lhe é atribuído, permanecem indecifradas. É notável, de saída, que em nenhum momento se faça registrada a tarefa de realizar o trabalho que nos transmitiu as primeiras imagens da flora e da fauna das paisagens que se incorporavam aos territórios da Monarquia espanhola; nem como uma intenção pessoal, nem como parte da longa lista de suas missões específicas, dentre as quais estava a de queimar os livros dos hereges e “as cartas de tocar”.

O manuscrito, encadernado em pergaminho, compõe um livro de 198 páginas, todas em bom estado, segundo Jaime Walter, porém sem data explicitada. Três das primeiras folhas são ocupadas por um índice alfabético dos nomes das espécies contidas no códice. ‘As cento e sessenta e quatro folhas seguintes, todas numeradas, contêm desenhos variados, feitos a lápis e cobertos a tinta, com um ou outro esboço ainda a lápis’ (LISBOA, 1967: 9). Cinco folhas estão em branco, uma aparenta ter sido arranca.

As descrições das espécies singulares são organizadas em sub-conjuntos, de acordo com suas semelhanças aparentes. Assim, vemos agrupados: 1. os Peixes do Maranhão; 2. os Peixes que tomam de água doce; 3. os Peixes do Pará; 4. Plantas e Árvores; 5. os Pássaros (primeiramente, os que andam ao longo do mar e lagos e rios de água doce; depois, os que estão pelos matos e campinas).

As espécies desenhadas, que chegam à 248 imagens (pouquíssimas em duplicidade), são agrupadas em: 55 imagens de Peixes do Maranhão, de água salgada; 50 imagens de Peixes do Maranhão, de água doce; 54 imagens de Plantas e Árvores; 22 imagens de Pássaros;

⁸ Especificamente a *Relação sumária das cousas do Maranhão, dirigida aos pobres deste Reino de Portugal*, que foi um “sucesso editorial”, na qual o autor se expande em descrições entusiásticas e fantasiosas da nova terra, com o fito de estimular a migração de colonos para a Conquista.

45 imagens de Pássaros de Matos e Campinas; e, 27 imagens de Outros Animais. O conjunto é, certamente, um grande caderno de esboço, pois “parece não passar de um borrão, ou livro de apontamentos”, como concluiu Jaime Walter (LISBOA, 1967: 9).

Se apontamentos, em que trabalho posterior tais esboços seriam aproveitados ao compor a versão definitiva? A chave para elucidar esta questão estaria na conexão, restrita entre Cristóvão de Lisboa, e seu irmão, historiador e, ele sim, o chantre que sucedeu ao tio Baltazar na Sé de Évora, Manoel Severim de Faria. E também em outra conexão específica, evidenciada pela correspondência registrada, entre o frei estabelecido no Maranhão, e seu confrade, Vicente do Salvador, que escreve e descreve o território do outro Estado colonial, o do Brasil.

4 Conexão em rede de produtores de conhecimentos

Da primeira conexão, identificada por correlações indiretas e menções difusas na correspondência, teria nascido, segundo Jaime Walter (LISBOA, 1967), a concepção do trabalho mais amplo do qual *Historia dos animaes e arvores do Maranhão* é parcela menor, e, de acordo com Ana Paula Torres Megiani seria uma conexão mais que específica, pois podem ter sido resultantes de uma “encomenda” direta (MEGIANI, in BICALHO; FERLINI, 2005: 253).

Esta ligação aparece ao estudar a autora a conexão de saber entre Luís Vasconcelos e Manoel Severim de Faria, este o elo da corrente que estabelece um espaço especial no lugar do qual fala Cristóvão de Lisboa: uma rede de produtores de conhecimento. A existência de círculos de interlocução sobre o fazer do próprio conhecimento, na altura do XVII, sob a “monarquia dual”, ao tempo da experiência vivida por nosso personagem e os demais presentes no cenário, é vista pela autora como um dos novos fundamentos da práxis histórica no “império ultramarino”. E, não só mais um, mas “um dos mais importantes”, é “a prática descritivo-narrativa dos acontecimentos vividos, dos povos e da natureza encontrados”, inserida agora na razão de Estado, uma das garantias para poder ocupar, extrair as riquezas, converter o gentio e povoar “as terras conquistadas”, sempre seguindo Ana Paula Torres Megiani (MEGIANI, in BICALHO; FERLINI, 2005: 239).

Esta orientação metodológica, teor do manuscrito *Partes e Preceitos da História*, refere-se a um projeto historiográfico de um livro sobre o Maranhão. Aqui, encaixa-se o

fragmento com as imagens de autoria consagradamente atribuída a Cristóvão de Lisboa. Mas, também aqui, em nenhum lugar há registro da orientação para que os bichos e as plantas fossem não só apenas descritos textualmente mas também cuidadosamente desenhados em seus detalhes, um a um.

5 Finalmente: ciência no olhar, tecnologia da gravura no livro

O século XVII é descrito na historiografia, e por não poucos autores, como o século da revolução científica. O problema destas macro-datações é que, na escala pequena, elas não abrigam a experiência que estudamos, pois os grandes marcos deste tipo de cronologia são todos posteriores ao período de execução de *Historia dos animais e arvores...* Tampouco podemos localizar o universo das referências de método do fazer-conhecer fora dos lugares por onde palmilhou Cristóvão de Lisboa, que são os de espaços católicos de uma monarquia de negociantes em comunidades escravistas camponesas majoritariamente, em cidades pré-industriais.

No entanto, se na atividade intelectual de, já no XVII, se dedicar ao que ao tempo era *História Natural*, que precede cronologicamente o desenvolvimento de áreas do conhecimento hoje *disciplinadas*, como a botânica, a zoologia e a própria biologia contemporâneas, já há elementos de, pela observação direta, produzir conjuntos de informações classificadas.

Esta História Natural, de acordo com Michel de Foucault, tem um objeto “dado por superfícies e linhas, não por funcionamento ou invisíveis tecidos. Veem-se menos a planta e o animal em sua unidade orgânica que pelo recorte visível de seus órgãos” (FOUCAULT, 2002: 188). Esta forma de observar e classificar as plantas – primeiramente – e os bichos, por terem órgãos menos visíveis ou observáveis diretamente – foi um passo decisivo no sentido de abandonar a descrição fantasiosa, tão criativa quanto inexata.

A compatibilidade entre a observação científica e olhos treinados em lugares de poder da religião, é evidente, não só na *Historia dos animais e arvores...* mas em todas as demais elaboradas por intelectuais clericais. A capacidade de elaboração científica dos letrados portugueses, e – seguindo MORSE (1988: 37) – a dos ibéricos (menção importante, especialmente pelo recorte temporal deste artigo) é também estabelecida pela observação dos

trabalhos a que nos referimos, circunscritos apenas a textos produzidos por meio da observação *in situ* natureza pelos autores.

No entanto, a produção dos desenhos distingue o olhar de Cristóvão de Lisboa em relação ao olhar de seus pares portugueses e dos concorrentes da empresa colonial francesa. A fixação das imagens em estampas que, gravadas em cobre, poderiam agora com a nova tecnologia (CHARTIER, 1998: 10) ser reproduzidas no limite do suporte, é a materialização em papel de um olhar mais racionalizado, mostrando que a demanda pela exatidão informativa é superior à demanda anterior por emoções de descrições fantasiosas e até então de grande sucesso entre o público.

O objetivo de Cristóvão de Lisboa, ao iniciar a execução de seu “projeto historiográfico” pela coleta de imagens, foi sempre o de imprimir o trabalho em livro, tanto que deixa instruções de pagamento ao gravador em seu testamento (LISBOA, 1967: 26). Seu modo de olhar (e o intento de reproduzir tecnicamente este olhar), é indicador da mudança constante na sociedade humana na maneira de observar a natureza (THOMAS, 2010:19) e transmitir este olhar – em nosso objeto, para além das palavras, com imagens detalhadas daquilo que é observado.

REFERÊNCIAS

ABBEVILLE, Claude d'. **História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças**. São Paulo: Editora Siciliano, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora UNESP, 1998.

EVREUX, Yves D'. **Viagem ao norte do Brasil, feita nos anos de 1613 a 1614**. São Paulo: Siciliano, 2002.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LISBOA, Frei Cristóvão de. **História dos animais e árvores do Maranhão**. Lisboa: Arquivo Histórico Ultramarino/Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967.

MEGIANI, Ana Paula Torres. Política e letras no tempo dos Filipes: o Império português e as conexões de Manoel Severim de Faria e Luís Mendes de Vasconcelos. In FERLINI, V.L.A. e

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

BICALHO, M.F. (org.). **Modos de governar**: idéias e práticas políticas no Império português, séculos XVI a XIX. 2ª ed. São Paulo: Alameda, 2007.

MORSE, Richard McGee. **O espelho de próspero**: cultura e ideias nas Américas. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brasil (1500-1627)**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1954

SILVEIRA, Simão Estácio da. **Relação sumária das cousas do Maranhão, dirigida aos pobres deste reino de Portugal**. São Paulo: Editora Siciliano, 2001.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VILAR, H. V. **As dimensões de um poder**: a diocese de Évora na Idade Média. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.